

# THOMAS MANN

## CONSIDERAÇÃO E AFETUOSIDADE A SIGMUND FREUD

**Carlos de Almeida Vieira**

*“A confluência dessa história (José) com as ideias acerca da ‘vida vivida’ e com o modelo mitológico apresentado em sua conferência fez surgir em mim uma construção que aproveito como ensejo para entabular uma conversa com o senhor, como se o senhor estivesse sentado diante de mim em meu gabinete, mas não quero com isso receber uma resposta cordial ou mesmo uma apreciação de sua parte. Eu mesmo não levo essa tentativa a sério, mas ela tem uma certa atração para mim, como o estalido do chicote para o antigo cocheiro”.*

*Fragments da carta de Freud a Thomas Mann, Viena, 29/11/1936.*

Nos anos de 1925, 1929 e 2002, foram publicados três ensaios de Thomas Mann: *Minha relação com a psicanálise*; *O lugar de Freud na história do espírito moderno* e *Freud e o Futuro*, todos traduzidos e publicados em 2015 pela Zahar Editora. Nota-se, dessa maneira, a estreita familiaridade do escritor, romancista e crítico literário com a obra de Freud, mostrando a importância da psicanálise como um pensamento moderno, revolucionário, terapêutico e de pesquisa sobre a realidade psíquica, e também a relação e intertextualidade da psicanálise com a literatura. “Se me perguntassem qual das contribuições ousadas e inovadoras de Sigmund Freud para o conhecimento do homem me causou mais forte impressão, e qual dos seus escritos literários me vem à mente quando se menciona seu nome, eu diria, sem pestanejar, o tratado em quatro partes *Totem e tabu*, no décimo volume de suas *Obras Completas*”,

afirma Thomas Mann, quando escreve sobre a importância do pensamento freudiano na história do espírito moderno.

Thomas Mann alertava que as ideias de Freud realmente tinham um ponto de ligação com a história das ideias nos séculos XVIII, XIX e XX, momento no qual os filósofos, cientistas e escritores se debatiam com os conflitos entre o racionalismo, o intelectualismo, o classicismo e o romantismo, principalmente no que tocava “ao lado escuro da natureza e da alma”, ou seja, às questões referentes a tudo que dizia respeito à vontade, paixão, o inconsciente. Ou, como Nietzsche enfatizou: “o sentimento” perante a “razão”. Freud aparece na cena como um “revolucionário”, e salienta Thomas: “A palavra revolucionário aparece aqui num sentido paradoxal, inverso à lógica costumeira, pois enquanto estamos habituados a ligar o conceito de revolucionário àqueles poderes

da luz e da emancipação da razão, à ideia de futuro, portanto, aqui a mensagem e apelo vão na direção oposta, a saber, na direção do grande retorno ao lado noturno, ao sagrado-primordial, ao pré-consciente prenhe de vida, ao seio materno mítico-histórico-romântico. Essa é a palavra da reação”.

Uma pessoa de suma importância nesse momento foi Novalis, pseudônimo de Georg P. Friedrich von Hardenberg (1772-18010). Formado em direito e pensador representante do primeiro romantismo alemão, criador da *Flor Azul*, um dos símbolos mais duráveis do Movimento Romântico. Novalis já escrevia sobre o inconsciente aflorar à consciência e contribuir dessa maneira, para um conhecimento mais profundo do ser humano. No encadeamento dessas ideias, Thomas Mann, estudando as obras de Freud, reconhecendo suas ligações com a literatura, começou a ter um respeito e consideração pela psicanálise e pela pessoa do seu fundador, Sigmund Freud.

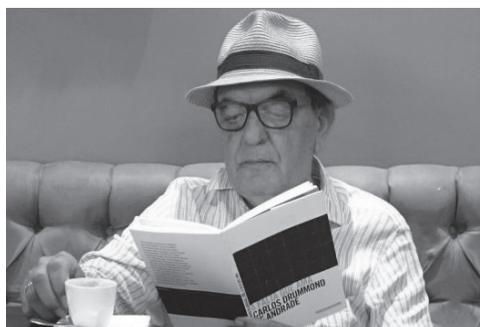
*Freud e o futuro* torna-se dessa maneira um escrito homenageando com muito respeito e muito afeto a pessoa de Freud. Segundo o autor, o fundador da psicanálise criou uma terapêutica e um método de investigação, ainda que sofrendo muito em solidão, “de uma maneira autônoma em sua condição de médico e cientista natural, desconhecendo os meios de consolo e confirmação que a grande literatura poderia lhe ter proporcionado”. Freud não conheceu Nietzsche nem Kierkegaard, mas já estava antecipada nas obras desses filósofos uma noção fundamental, como Thomas Mann enfatiza em seu ensaio: “o senso da doença, ou mais exatamente, da doença como meio de conhecimento; também poderíamos derivá-la de Nietzsche, que sabia muito bem a que devia sua doença, e que parece ensinar a cada página que não há conhecimento profundo sem a experiência da doença, e que toda saúde superior tem de passar por ela”.

É nesse ponto que vemos uma familiaridade de Freud com o escritor alemão. Se olharmos para os aspectos autobiográficos contidos tanto em *A montanha mágica* quanto em *A interpretação dos sonhos*, ambos os autores partiram de sua própria “doença”, descobrindo dessa maneira as nuances das forças do inconsciente no pensamento humano. Tanto no romance como no texto psicanalítico existe um fato evidente: são elaborações da autoanálise de cada um: Hans Castrop, personagem de Thomas, quando procura ouvir do psicólogo do sanatório, Dr. Krokowski, questões sobre os afetos; e o próprio Freud em

sua correspondência com Fliess revelando sua viagem interior ao mundo dos conflitos edipianos. Malcolm Bradbury, em seu livro *O Mundo Moderno – dez grandes escritores* (Cia. das Letras, 1989), faz um belo ensaio sobre Thomas Mann, no qual afirma: “Mas Hans Castrop estava mesmo desencantado com o mundo da planície, o mundo prático do dinheiro, que agora começa a lhe parecer cruel e indiferente”. Essa foi a grande crise do escritor, que o levou a considerar os sentimentos e afetos tão importantes quanto a razão, o iluminismo radical.

Não é por acaso que Mann se aproxima das ideias de Freud, e chega a afirmar em *Freud e o futuro* que “sua descoberta do enorme papel que o inconsciente, o ‘isso’, o id, desempenha na vida psíquica do homem foi e é tão escandalosa para a psicologia clássica, segundo a qual consciência e vida psíquica são uma e a mesma coisa, quanto a doutrina da vontade de Schopenhauer foi para toda a crença filosófica na razão e no espírito”. Do outro lado, encontramos uma singela carta de Freud a Thomas Mann, de 29 de novembro de 1926, onde ele revela o peso que teve a visita do escritor, nele, Freud, principalmente numa obra clássica da História de José, lamentando não ter terminado de lê-la.

Enfim, deixo nesse escrito o incentivo ao leitor para pesquisar, confrontar e estudar as relações profundas que existem entre a literatura e a psicanálise, o descobrimento da vida afetiva, do humano além da razão em suas leituras freudianas, e a repercussão que estas questões tiveram em Thomas Mann, a ponto de afirmar: “Já não é de hoje que a psicanálise é parte essencial da composição poética de todo o âmbito de nossa cultura, e não só modificou o seu aspecto, como continuará possivelmente a influenciá-la de maneira crescente”.



**Carlos de Almeida Vieira** é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília e membro titular e professor da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.